

estados do Brasil; hoje divide seu tempo como diretor de uma escola municipal de Ensino Especial e como professor de graduação no curso superior de Educação Física em uma faculdade particular.

SOBRE “CAMPONESES” E “MARINHEIROS”: AS NOÇÕES DE EXPERIÊNCIA E VIVÊNCIA PARA SE PENSAR A FORMAÇÃO DE PROFESSORES NA/PELA CIDADE

Essa pesquisa é fundamentada pelas noções de Experiência e Vivência de Walter Benjamin. *Experiência (Erfahrung)*, tomada como marca da subjetivação, é transmitida aos demais membros do seu grupo/comunidade na prática da narração, tornando-se, portanto, coletiva. Experiência esta que se manifesta em oposição à noção de *Vivência (Erlebnis)*, caracterizada pelos choques e sem penetração no aparelho psíquico do sujeito, portanto destituída da possibilidade de narrar.

Outro par dialético do pensamento benjaminiano mobilizado para essa investigação é a relação entre *tédio* e *monotonia*. O tédio como tempo dilatado aparece como condição necessária e indispensável para a realização da Experiência a partir da narração. Já a noção de monotonia denuncia uma relação com o tempo na qual são subtraídas as possibilidades de se fazer juízos de valor. Monotonia que é “inapelavelmente patológica, ela é tempo imóvel, que não passa. Dominado por ela, não somos capazes de reconhecer ou criar valores. Tempo esvaziado de significações, é tão monótono quanto o gesto repetitivo do trabalhador junto à máquina” (MATOS, 2010, p.171).

Walter Benjamin, ao dialogar com a obra de Nicolai Leskov, destaca dois grupos de narradores, personificados nas figuras do *Camponês sedentário* e do *Marinheiro comerciante*. O Camponês sedentário vive sua vida toda em um só local e conhece todas as histórias e tradições. Já o Marinheiro comerciante viaja pelo espaço e por esse motivo conhece vários locais (BENJAMIN, 1985).

Apostando no potencial heurístico destas figuras, buscamos nas narrativas dos sujeitos aquilo que possuem de “camponês” e de “marinheiro”, ou seja, as dimensões do tempo e do espaço na constituição de sua Experiência como professores de Educação Física.

OS MÚLTIPLOS TRAJETOS DE AURÉLIO E JOANA: FORMAÇÃO DOCENTE EM MOVIMENTO

Agora neste momento por causa do nosso trajeto, do tempo da faculdade, eu preciso do carro pra poder chegar no horário lá na faculdade. Se eu não tenho carro, eu não tenho como chegar lá no horário. Eu saio daqui às 17:30 e eu tenho que tá lá na faculdade 18:15. Então o carro hoje é altamente necessário para poder fazer isso. Se eu não tenho carro, se meu carro tá com algum problema eu tenho que pegar um Uber, tenho que pegar um táxi. Sabe como? Então essa relação hoje é: A “viatura”. Meu meio de transporte mesmo, deslocamento. (Aurélio, 27 de Abril de 2018)

Joana falou da importância do carro para ela. Sem ele levaria 5 horas (2:30 por trecho) somente em deslocamento para o local de trabalho, pois seriam 4 ônibus por dia. Nos acompanhamentos posteriores a importância do automóvel para ela foi confirmada, ela utiliza o carro para o trabalho costumeiramente. (Nota de campo, 3 de outubro de 2017)

Tomando a alegoria do “marinheiro comerciante”, a ideia é analisar as dimensões espaciais da Experiência de Aurélio e Joana. Como eles “viajam no espaço” de Belo Horizonte? Como seus deslocamentos constituem processos de subjetivação? Como tornam-se professores “em movimento”?

Os sujeitos destacam a importância do carro para seus deslocamentos na cidade sendo usado para amenizar suas preocupações com horários e suprir suas necessidades de tempo. Os automóveis dos professores contribuem para um consumo do tempo e do espaço tornando-se valor de troca: o deslocamento torna-se mercadoria.



Temos apropriações diferentes dos espaços e ritmos da cidade, com maior ou menor concessão à imprevisibilidade. Joana se apropria das adversidades com relação ao tempo para tentar fruir a cidade. Tal imprevisibilidade não parece bem-vinda ao dia-a-dia de Aurélio que, entre um deslocamento e outro, planeja cada trajeto de forma minuciosa: mudanças nos espaços ou contratempos são motivos de alterações em seus níveis de ansiedade e estresse.

Seguindo o diálogo com Benjamin, passamos a mobilizar a alegoria do camponês sedentário, aquele que “viaja no tempo”. Para tanto, buscamos apreender a “mobilidade laboral” de Aurélio e Joana em suas relações com o mundo do trabalho/docência em Educação Física.

Joana aproximou-se da Educação Física pela prática de taekwondo. Com ocupações precárias e díspares, atua também como professora de Inglês e garçonete. Sua docência em Inglês para crianças lhe remunera melhor que sua docência na Educação Física.

Aurélio, cuja passagem pelo judô definiu sua escolha profissional, transitou pelos campos da Educação Física Escolar, Treinamento Esportivo e Administração Escolar. Mudou-se para trabalhar como professor de Educação Física morando por dezesseis anos fora de Minas Gerais. A instabilidade do mercado de trabalho gerou diversas mudanças de cidade ao longo da sua vida.

Podemos destacar nas histórias de ambos a “errância” e a diversidade de atividades profissionais, em especial no início da carreira. A instabilidade acompanha a profissão docente que, combinada com as condições de mobilidade urbana, prescrevem toda uma movimentação de Joana e Aurélio dentro e fora de Belo Horizonte.

CORPOREIDADES E SENSIBILIDADES

Outro dia eu tive ir que num negócio lá no centro por meu serviço. Aí o meu carro eu deixei no serviço e peguei o ônibus. Então nesse dia eu vou mais *avacalhada* que eu posso, que tipo assim eu falo que é tenso: você não pode ter uma liberdade porque eu gostaria às vezes de andar menos pior, igual essa roupa aqui eu acho péssima, eu não gosto, mas eu prefiro ir com essa roupa aqui e tal no centro, que é preta fechada. Eu sinto menos assim, no sentido de assédio diminui um pouco do que quando eu tô com um short, porque eu acho por exemplo que quando eu tô com um short a pessoa ela se sente mais à vontade pra assediar. (Joana, 13 de abril de 2018)

Acho que eu estava com uns 45 por aí. Eu já tinha passado dos 40 anos. Então as dificuldades vão aparecendo e você vai tremendo né? Você fala, realmente né, Educação Física não é uma área que você pode trabalhar com facilidade. Tem algumas áreas que eles preferem é a aparência. A experiência não interessa muito não mas a aparência é fundamental para você poder conseguir trabalhar. (Aurélio, 27 de Abril de 2018)

A corporeidade dos professores em seus tempos e espaços nos convoca à reflexão. Seus corpos ganham centralidade na atuação e na própria identidade docente. A disponibilidade corporal requerida de Joana é fundamental nesse momento de sua carreira profissional. Situação que também pautou a identidade docente de Aurélio em seu início de docência.

Em relação às corporeidades na cidade, os deslocamentos de Joana são marcados pela tríade medo-gênero-violência, em especial quando não dispõe do automóvel. A relação com o estranho lhe causa medo. Se Walter Benjamin nos fala do treinamento dos sentidos na cidade (visando, entre outras coisas, evitar os atropelamentos), na condição feminina de Joana tal treinamento de reação aos choques é movido pelo medo da violência, no caso o assédio/abuso sexual. Já a sensibilidade nos deslocamentos de Aurélio aponta para relações de indiferença e pragmatismo. A educação dos sentidos é informada por profundas marcas de gênero: uma “*educação física*” de corpos masculinos e femininos na cidade.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Benjamin (1989), ao se debruçar sobre a obra de Charles Baudelaire, convida a refletir sobre as cidades na Modernidade. Destaca a construção de sensorialidades, um verdadeiro “treinamento dos sentidos” para se deslocar, cujas demandas vão da prontidão (motivada inclusive pelo medo) à indiferença. Em nossa pesquisa, os múltiplos deslocamentos dos sujeitos podem ser mais relacionados ao conceito de Vivência, ao atuarem de forma reativa, em um quadro de monotonia que dificulta a contemplação e elaboração de juízos de durante a maior parte dos trajetos. Monotonia acentuada pela maior ou menor precariedade das condições de trabalho, expressas nos espaços-tempos docentes de Aurélio e Joana.

O grau de precariedade do trabalho aliada ao modelo rodoviário resulta em uma condição docente “errante” e até mesmo “diaspórica”: Joana e Aurélio não trabalham em um único lugar e atribuem papel de destaque ao automóvel no exercício da profissão. “Errância” advinda da instabilidade laboral em especial no início da carreira, em uma trama de espaços-tempos que gera sensações de medo e insegurança quanto ao futuro e à própria identidade profissional.

Tal situação impacta nas corporeidades de Aurélio e Joana. Como “marinheiros” têm sua disponibilidade corporal sempre demandada nos mais diversos afazeres de sua profissão. Como “camponeses” percebem o desgaste de seus corpos ao longo da carreira e da vida, afetando suas próprias identidades como professores de Educação Física.

Milton Santos (2007) defende uma necessária geografação da cidadania, que supõe os direitos territoriais e os direitos culturais, inclusive o “direito ao entorno”. Lefebvre (2006), por sua vez, nos traz a noção de Direito à Cidade, onde a vida urbana se daria a partir da cidade praticada como valor de uso, quadro bem distinto das nossas capitais brasileiras. Somos chamados, assim, a defender uma geografação das formações inicial e continuada de professores e professoras de Educação Física, já que o Direito à Cidade (ou a sua falta) formam/deformam os docentes.

Pensemos, portanto, uma cidade DOS/AS e PELOS/AS PROFESSORES/AS, cujas jornadas e narrativas nos convidam a novas Experiências e caminhos a compartilhar e a trilhar.

TEACHING SPACES AND TIMES: CONTINUING FORMATION OF TEACHERS OF PHYSICAL EDUCATION TEACHERS THROUGH THEIR TERRITORIES AND EXPERIENCES

ABSTRACT

This work aims to investigate the role of urban spaces and times in the formative processes of Physical Education teachers. Research is guided by Walter Benjamin's concept of Experience, which manifests through the subjects' narrative. The methodology of research was the realization of participant observation and semi-structured interviews. Using urban spaces and times influence both corporeity and identity of the teachers while they relate to the city

KEYWORDS: *teacher's formation; urban-life; Physical Education*

ESPACIOS-TIEMPOS DOCENTES: FORMACIÓN CONTINUADA DE PROFESORES(AS) DE EDUCACIÓN FÍSICA A TRAVÉS DE SUS TERRITORIOS Y EXPERIENCIAS

RESUMEN

Este trabajo pretende investigar las relaciones de los espacios y tiempos urbanos en los procesos de formación de profesores de Educación Física. La metodología consiste en la realización de observación participante y entrevistas semiestructuradas. Los usos de los espacios y tiempos urbanos informan las prácticas e identidades de los profesores, a través de una educación de los sentidos y de la corporeidad.

PALABRAS CLAVES: *formación de profesores; vida urbana; Educación Física*



REFERÊNCIAS

- BENJAMIN, W. *Obras Escolhidas I: Magia e Técnica, Arte e Política*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- BENJAMIN, W. *Obras Escolhidas III: Charles Baudelaire um lírico no auge do capitalismo*. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- LEFEVBRE, H. *O Direito à Cidade*. São Paulo: Centauro, 1996.
- MATOS, O. *Benjaminianas: Cultura Capitalista e Fetichismo Contemporâneo*. São Paulo: UNESP, 2010.
- ROCKWELL, E. *La Experiencia Etnografica: historia y cultura en los procesos educativos*. 1a. ed. Buenos Aires: Paidós, 2009.
- SANTOS, M. *O Espaço do Cidadão*. São Paulo: EDUSP, 2007.

